**DONA LILICA, A BENZEDEIRA**

Ao nascer, sua mãe jurava que ela não vingaria. Menina frágil, apática, aos dez anos mais parecia ter sete. Quieta, calma, vivia a cantarolar e gostava de rezar. Era comum vê-la sentada debaixo da goiabeira, nos fundos da casinha humilde onde morava, falando sozinha.

Certo dia, dona Maricota a surpreendeu benzendo uma galinha que fora jogada no valo para morrer porque estava adoentada. A menina tinha um galho de arruda nas mãos. Dona Maricota xingou-a, mas ela, sorrindo, falou:

– Mainha, amanhã Chiquinha vai botar ovo.

Dito e feito. Apesar da tempestade que durara toda a noite, pela manhã a galinha aninhou-se e botou um ovo.

Com a idade lhe enrugando a face e sem importar-se em construir família, Lilica viu seu pai, sua mãe e dois irmãos partirem desta vida. Benzedeira afamada, acomodou-se num rancho que se deteriorava e, acostumada com “companhias” que só ela enxergava, fazia de seu dia um eterno servir. Filas às vezes se formavam, e ela, sempre a sorrir, tinha um chazinho, uma beberagem, uma reza para todos.

Não raras vezes as mães saíam da missa de batizado de seus rebentos e não voltavam para casa sem antes passar pela casa de dona Lilica para pegar o benzimento das brasas que tirava mau-olhado e quebranto (1). Até animais ela benzia, e eles se curavam. Buscavam-na para benzer casa, galpão, roça...

Mesmo em noites de geada, ela acendia seu lampião a querosene e saía à procura de ervas para a mãezinha que entrava em trabalho de parto. Sem contar as noites em claro a segurar a mão do agonizante que temia a morte, mas que adquiria forças com dona Lilica ao seu lado.

Mãe de ninguém, pois filhos não tivera, seu coração adotou a vila, a cidade e a roça. Famílias beneficiadas levavam seu nome e suas simpatias para além das fronteiras de seu vilarejo. A idade, no entanto, não a poupou, e, sendo ela avisada pela “imagem” com que estava acostumada a conviver e que julgava ser de Nossa Senhora que sua hora havia chegado, sorriu e disse:

– Desde que para onde eu vá tenha um pé de erva-verde, uma fonte de água e a tua imagem, minha Santa Mãe, pode me levar contigo.

Após dias sem encontrar dona Lilica em casa, os vizinhos resolveram arrombar a porta, e foi grande o susto ao achar seu corpo “dormindo” tranqüilo, já sem vida. Havia poucas pessoas no velório, um monte de terra sobre o corpo e algumas flores da beira da estrada sobre tudo; foi o que restou de dona Lilica aqui na Terra. Nem missa mandaram rezar, pois isso implicaria pagar, e ela não deixara bens.

Do lado espiritual, dona Lilica acordou sentindo-se jovem naquele dia. Haviasol, e tudo era mais bonito. Abriu a janela e, orando aos Céus, pediu ao Pai para que não permitisse que ela fosse ali proibida de benzer. Fechou os olhos eviu-se transportar para um lugar que mais parecia um hospital, onde a dor, o gemido e o mau cheiro imperavam. Perto do portão havia um pé de perfumada erva e, aos pés da Virgem, uma fonte de água cristalina. Uma luz reascendeu a vida em seu olhar, e dona Lilica sabia o serviço a fazer. Levando suas rezas de leito em leito, iluminada pela sabedoria da bondade, ela aliviou naquele local as dores de muitos, por longos anos.

Em seu túmulo, flores renasciam a cada dia, e, em seu casebre, há quem diga ver a imagem da Virgem regando as ervas que crescem a olhos vistos.

Procissão de gente humilde se faz para rezar e pedir milagres(2) para a alma de dona Lilica, que durante o dia socorre no plano espiritual e, à noite, desce para atender aos pedidos de benzimento para as crianças, as casas, os doentes, os animais e as roças.

“Na humildade, na simplicidade e na doação está o verdadeiro milagre. Na fé, na esperança e no amor está a luz que traz à Terra os espíritos iluminados que realizam em nós os milagres que Deus nos permite receber”.

Hoje, dona Lilica, com um galho de erva-cheirosa na orelha, abençoa-vos em nome do Pai, do Filho e da vossa fé. Amém.

\_ \_ \_ \_ \_ \_ \_

Nota da médium: Esta história foi recebida em 1996, em mesa kardecista, durante o Evangelho de domingo, e foi a primeira manifestação da protetora, que mais tarde se apresentou como a preta velha vovó Benta.

(1) Mau-olhado: “Conseqüência da projeção do raio vermelho de natureza primária e penetrante, o qual resulta principalmente do acúmulo de fluidos nocivos em torno da região ocular de certas criaturas. É uma condensação mórbida que se acentua na área da visão perispiritual, produzindo uma carga tão aniquilante ou ofensiva conforme o potencial e o tempo de fluidos enfermiços acumulados”. Ramatis. Magia de Redenção. Psicografia de Hercílio Maes. Limeira: Editora do Conhecimento.

(2) “(...) os lugares onde sepultam criaturas de elevada estirpe espiritual ficam impregnados de uma aura vitalizante ou energismo terapêutico capaz de curar certos doentes mais sensíveis”. Ramatis. Elucidações do Além. Psicografia de Hercílio Maes. Limeira: Editora do Conhecimento.

Fonte:

SAVISCKI, Leni W. Causos de Umbanda – A psicologia dos pretos velhos. Pelo Espírito Vovó Benta. 1. ed. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2006.

**A BENGALA DE PAI ANTÔNIO**

**Fonte: A Missão da Umbanda. Escrito pelo espírito Ramatis.**

**Psicografia de Norberto Peixoto.**

Para aquela mulher, com setenta e seis anos de idade, era quase impossível compreender a confusão em que sua vida se transformara após uma cirurgia tão simples. Tudo ocorreu da forma desejada no plano físico, porém, tanto ela quanto o médico, ignoravam que no plano astral havia se desencadeado um processo de resgate, tanto ou mais dolorido que sua perna enferma.

Acordada durante a noite por um forte estalo no quarto, visualizou ao lado da cama uma fumaça esbranquiçada que aos poucos tomou a forma de uma pessoa. Assustada, acendeu a luz, e a imagem sumiu. Seqüencialmente, outras formas foram invadindo sua casa e sendo visualizadas somente por ela, criando quadros de terror. O pós-operatório foi feito de noites de medo e insônia, em decorrência da movimentação no lado astral, totalmente aberta à sua vidência. Eram animais peçonhentos, pessoas deformadas, brincalhões que a ameaçavam, mulheres que arrastavam crianças e jovens que praticavam sexo.

O medo tomava conta de sua vida, embora estivesse bem consciente de que aquilo tudo pertencia "ao outro mundo". Por isso, não ousou contar os fatos para as sobrinhas, suas tutoras, temendo ser internada como louca.

Quando já não suportava mais o terror em que se transformara sua vida, solicitou ajuda a uma amiga que "entendia dessas coisas", médium trabalhadora de uma casa espiritualista.

Para quem nasceu e cresceu sendo norteada pela religião católica, embora vivendo de aparências e sem fé nenhuma, desdenhando sempre de qualquer outro credo, a dor havia chegado como aprendizado. Por essa razão é que o recado veio justamente por intermédio daquele médium sentado no toco de um terreiro humilde para seus padrões de exigência, .acostumada que estava aos templos luxuosos.

No lado material, aquela senhora comparava o congá simples, iluminado apenas por algumas velas, com os altares pomposos iluminados por castiçais banhados a ouro; as paredes toscas daquele local eram comparadas com os vitrais das catedrais; e o alguidar de barro fumegando, com a defumação usando sofisticados incensários, hoje infelizmente pouco usados nas igrejas.

O cheiro bom das ervas queimadas na brasa foi alertando seus sentidos; ela já não enxergava somente o lado físico. No ambiente astral, sua vidência denunciava que à sua frente estava Um pai velho arqueado, de cabelos encaracolados e brancos, com uma bengala na mão, baforando um cachimbo tosco e cheiroso. No rosto, carregava um sorriso aberto, mostrando com ele sua alma clara que invadia o local como se disparasse raios luminosos.

O quadro era alentador para aquele espírito que havia muito ansiava por um momento de paz. Foi assim que se entregou a ouvir as sábias palavras do preto velho:

- Zin fia, zi deve di tá sem jeito pra fazê o faladô com nego véio.

Ele havia falado daquela forma justamente para atiçar sua atenção.

- Eh... eh... Não se avexe, filha, Pai Antônio, quando quer, sabe falar com destreza também. Pode ficar à vontade, o que a filha quer deste pai velho?

- Eu tenho medo de estar louca. Vejo coisas...

Enquanto a senhora contava sua história atual, Pai Antônio, espírito adestrado na magia e conhecedor do psiquismo humano, tendo estagiado por longo período em escolas da Grande Fraternidade Branca, captava na tela holográfica daquele ser a realidade não percebida pelos encarnados. Não haveria na Terra medicamento que curasse a raiva, a arrogância e o descaso com as leis divinas, bem como não conhecia na ciência física remendo capaz de consertar os rombos efetuados na tela atômica pelas explosões desses sentimentos, bem como pelo mau uso das energias. Nem no mundo astral não conhecia nenhum paliativo para curar sua dor, colheita de ações pretéritas. Só havia alguém capaz de curá-la: ela mesma.

Continuando, Pai Antônio falou:

- A dor é uma reação das agressões que efetuamos em nosso espírito. Antes de recebê-la, somos alertados de várias maneiras, e ela só chega quando se esgotam os outros instrumentos.

Vem como alerta, nunca como castigo, por isso é preciso entender seu recado. A revolta e a não aceitação de nossas falhas nos deixam fragilizados, e, com isso, intensificamos sua estada em nosso corpo carnal.

Agora brotava nela a lembrança dos momentos de extrema revolta pela dor na perna e pela limitação e vergonha que a bengala lhe imprimia. Lembrava das inúmeras vezes que, com muita raiva, havia dito que "trocaria aquela dor por qualquer coisa".

- Os pensamentos e as palavras são sons gravados no Universo e, dependendo da energia que carregam, afinam-se com os iguais que os ouvem, concretizando assim nossos desejos mais inconscientes, mesmo e inclusive os de auto-flagelo.

Ela sabia de seus débitos e por isso compreendia que havia trocado a dor física pela dor da consciência. Em sua tela mental agora desfilavam os "trabalhos encomendados", pelos quais pagava bem caro, desde que resolvessem seus desejos mesquinhos. Era moça bonita e faceira, mas sem sorte no amor. Desejosa e cansada de tentar conseguir um casamento, já com idade avançando, não relutou em aceitar as propostas de um homem casado que às escondidas a visitava algumas noites. Com isso, e por estar só, passou -a se excluir da sociedade, onde ambicionava um lugar de destaque, até que resolveu tirar de seu caminho quem atrapalhava sua ascensão. Foi assim que inveteradamente passou a programar a morte da esposa de seu amante. Conheceu vários lugares e pessoas que realizavam magia negra, mas nada de conseguir o resultado desejado.

Inspirada por quiumbas aproveitadores, foi descendo o nível e chegou a uma velha feiticeira, que por bom preço a ensinou a realizar magia pesada com as próprias mãos, prometendo assim efeito mais rápido e eficiente. Usou os elementos e os elementares artificiais, condicionando-os ao seu mando e energia, e mesmo assim não conseguiu o desejado, pois a vítima vibrava em outro diapasão. A inveja e a raiva corroíam-lhe o ser todas as vezes que via o homem desejado freqüentando a missa aos domingos com a esposa.

- Pai Antônio sabe que a dor e o medo têm feito a filha refletir e tomar consciência de sua responsabilidade. Nenhum pecado é maior do que a força do perdão, portanto cabe a você, e só a você, desligar-se das entidades e das forças a que se aliou no passado. É preciso queimar as pontes que ficam para trás em nossa caminhada e olhar para a frente com decisão. O que não pode é reconhecer os erros e neles perseverar.

Enquanto o bondoso preto velho batia em suas costas com o galho verde, retirando de sua aura as energias mais pesadas adensadas ali, ela deixava que o choro lavasse seu espírito, chegando a soluçar. Nunca ninguém a tinha acolhido e mostrado que andava pelo caminho errado, com tanto amor e diplomacia. Estivera acostumada a terceirizar a solução de seus problemas, ou então a confessar seus pecados e receber penitências que não aliviavam sua alma aflita.

Ali sentia-se protegida e com vontade de beijar os pés daquele espírito.

- Filha, humildade não pode ser confundida com humilhação. Só existe um espírito que merece toda nossa veneração: Deus, nosso Pai; de resto, somos todos navegadores do mesmo mar em busca de um porto seguro, somando erros e acertos. Vá e repense sobre seus atos e se proponha a mudá-los para que possa mudar sua energia. Sua dor foi o portão que se abriu para tirá-la da prisão.

Ao sair daquele lugar, a sensação era de tamanho alívio que parecia um pássaro liberto da gaiola. Haveria de repensar sobre tudo e compreender que o perdão é medicamento doce para dores amargas, bem como agradecer pela oportunidade Ímpar que o Senhor do Universo estava lhe concedendo. Iniciaria, a partir de então, uma busca de conhecimentos sobre o mundo espiritual, conscientizando-se de sua responsabilidade e principalmente do bom aproveitamento do tempo que ainda lhe restava no corpo físico.

Pai Antônio havia gravado seu endereço por saber que aquela ovelha retomava ao caminho e, assim que houvesse condição vibratória, ele, auxiliado por seu amigo exu, atuaria no desmanche daqueles artificiais, reequilibrando a balança cármica.

Antes de despedir-se, Pai Antônio chamou seu cambono e, entregando-lhe a bengala, falou:

- Não é a bengala que ampara nosso corpo físico que demonstra nossos aleijões.

Prejudiciais sãos as bengalas forjadas por nosso orgulho, nas quais nos amparamos para manter posturas ilusórias.

- Saravá, zi fio!

- Saravá, meu Pai!

Vovó Benta